



BRAGA ANTIGA — Entrada do Convento dos Remedios

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 124

Braga, 13 de novembro de 1915

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, e n madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se u a visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedores das principaes causas congeneres no estrangeiro
 Depositos de imagens, oratorios, castigaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
 e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63
GUARDA = Representante e depositario — **CASA SUCENA**
 Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yelloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

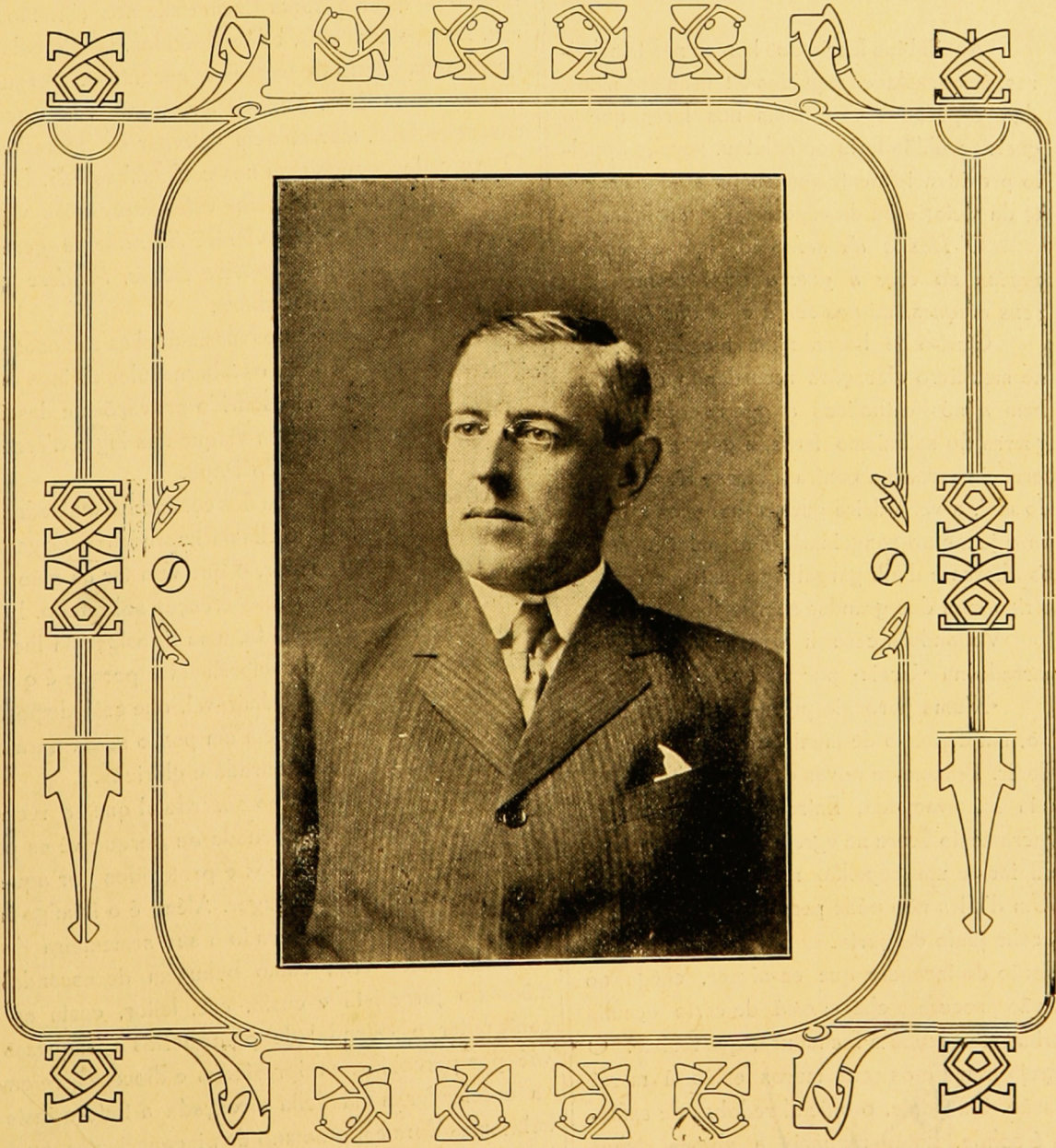
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 13 de novembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 124—Anno III



Mr. Woodrow Wilson

Presidente da Republica dos Estados-Unidos

Chronica da Semana



Luctas

POUCOS haverão notado que um formoso hymno da Igreja serve hoje á maravilha á aspiração das nações em lucta. Qual? Ei-lo :

*O' Salutaris Hostia
Quæ cœli pandis hostium
Bella premunt hostilia
Da robur, fer auxilium.*

Aos labios febris dos heroes nas trincheiras, ás anciedades seguidas e tensas das mães, das esposas e das filhas nos lares que a guerra maldita feriu ou enlutou, aquelle appello providencialmente vem saciar a sêde ardente da victoria ou da esperança insatisfeita.

O' Hostia da salvação, que abres as portas do céu; a guerra opprime-nos com seus ataques, dá-nos força e auxilio!

Ouvi-o ha horas n'um templo, segui-o no meu livro d'orações recordando que tambem a nós catholicos a guerra opprime, a guerra do satanismo feroz, a guerra da intolerancia vermelha contra a eterna fé, a guerra do mal, a verdadeira guerra diabolica que leva o jacobino sanguinario a assentar-se sobre os altares e d'alli gargalhar sinistro e cynico, o riso mau dos grandes sacrilegios...

Vollando a casa li o seguinte episodio narrado na «Croix» por Reverdy :

«N'uma parochia perto da linha de batalho, um deposito de munições acabava de explodir. Temiam-se novas explosões. Toda a aldeia foi evacuada. Entretanto o Santissimo Sacramento ficara na igreja abandonado. Dois officiaes e um capellão militar precipitam-se para O salvar. Um d'elles não pôde penetrar no templo ; o capellão ferido, cahe junto da porta. O outro official consegue entrar. Ao clarão do incendio que enraivece, chega ao tabernaculo. Em vão procura a chave: está de certo occulta na sacristia. Febrilmente sacode a fechadura, que resiste. O tempo urge, a igreja treme e os seus muros estão á mercê d'uma nova explosão. Offegante, o official redobra de esforços, mas a porta é solida. Então renuncia a abri-la. N'um movimento de energia sobrehumana, agarra com os dois braços no Tabernaculo, E' alto, pezado e ameaça desconjuntar-se. Todo o seu vigor se concentra n'um esforço supremo, todo o ardor da fé passa n'uma oração... Um estalido faz-

se ouvir. Novo Sansão, o official leva aos hombros o tabernaculo inteiro!»

*Bella premunt hostilia
Da robur, fer auxilium!*

A guerra dá-nos quadros d'estes, empolgantes e arrebatadoras. No mar de sangue em maré cheia, boiando vão, por todo elle, os lyrios da fé, brancos como as toalhas de lino dos altares em festa, e Jesus-Hostia novos milagres vae operando dia a dia n'aquella França que reza e que combate.

... Era em Roma. O joven acolyto Tarcisio fôra encarregado de levar a Santa Eucharistia aos christãos prisioneiros. Braços cruzados, olhos descidos, ia elle pela Via Appia quando um bando de pagãos o encontrou. Perguntam-lhe o que leva escondido. Nega-se a responder. Espancado, ferido, ensanguentado, morreu sem entregar as Sagradas Especies. O seu cadaver repousou nas catacumbas e S. Damaso gravou sobre o tumulo do heroe estas expressões vigorosas :

Tarcisium sanctum Christi Sacramenta gerentem: Ipse animam potius voluit demittere cœsus, Prodere quam canibus rabidis coelestia membra.

Tambem entre nós os mesmos cães raivosos—*canes rabidi*—tentam roubar-nos os tabernaculos divinos e por salvá-los muitos e muitos hão soffrido provações e desditas.

Não ha porém, quem vinque nas lages d'esses martyres palavras como aquellas do Papa.

Bem depressa a turba dos commodistas sisudos commenta acremente o sacrificio e chama imprudencia ao gesto heroico.

Tu não sabes, leitor, o que vem fer ás mãos do jornalista, do jornalista das tuas crenças sobretudo. Diariamente uma covardia lhe é revelada, uma transigencia lhe é apontada, e chega-se afinal a comprehender porque é que *isto não marcha*. Com um clero admiravel, que está disposto a combater, vê tu, leitor, que nem um passo se dá para a victoria ou sequer para a lucta honrada e gloriosa.

Aqui é todo um corpo sacerdotal que se recusa a marchar porque se vê abandonado ou porque vê os peores dos seus membros apadrinhados e protegidos por aquelles mesmos que os deveriam castigar. Além, é o inimigo instillando o veneno perverso e fazendo a sua sementeira de intrigas.

Tudo isto vem, como babugem de escandalo, até ás mãos do jornalista e custa, crê, leitor, custa ao cabo de contemplar o estendal de poltroneries e fraquezas que ali vae por parochias, arciprestados e dioceses, relomar a clava e defender a cidadella ameaçada a todo o instante cujos habitantes dormem o somno dos inconscientes ou gastam as horas a tratar com o inimigo!

Vale então de muito a oração:

*Bella premunt hostilia
Da robur, fer auxilium!*

VIDA INTENSA

Pena de Talião

A Inglaterra vae bombardear as costas gregas do mar Egeu, pretendendo assim, forçar o governo d'Athenas a collaborar com os alliados. Ella que tanto e tão indignadamente protestou, o anno passado, pela violação da Belgica vae repetir agora o nefando attentado, contra os mais sagrados direitos d'um povo. Nenhuma outra nação, se mostrou mais furiosamente indignada com o procedimento dos allemães na Belgica e se para o grande publico, que acreditou na lamuria britannica, o facto constitue uma enorme decepção, para nós, que desde o primeiro momento reconhecemos a protocolar hypocrisia, serve sómente para confirmar a verdade do velho adagio, de que em politica como em tudo, ninguém affoitamente pôde dizer, d'esta agua não beberei.

Não se tivessem os allemães apressado tanto na travessia da Belgica e todos nós teriamos visto a Inglaterra e a França de mãos dadas, atravessarem as terras desventuradas da vizinha e infligirem-lhe os mesmos tormentos, as mesmas selvagerias que tanto exprobaram nos exercitos do Kaiser, se ella ciosa da sua liberdade e da sua soberania, ousasse impedir o seu passeio bellico.

Mas os fados tinham de cumprir-se. Perante o desembarque de Salonica a Grecia, menos *panache* do que a Belgica mas mais prudente, lavrou o seu protesto e não se lançou n'uma guerra, que não podendo sustentar, por absoluta insufficiencia de recursos, lhe custaria afinal, a propria vida. O leopardo britannico rugiu desesperado e ferido no seu orgulho, nos seus interesses, nos seus proprios destinos, vae tentar pela força dos canhões o que a habilidade dos seus diplomatas verdadeiramente em *panne* não pôde conseguir.

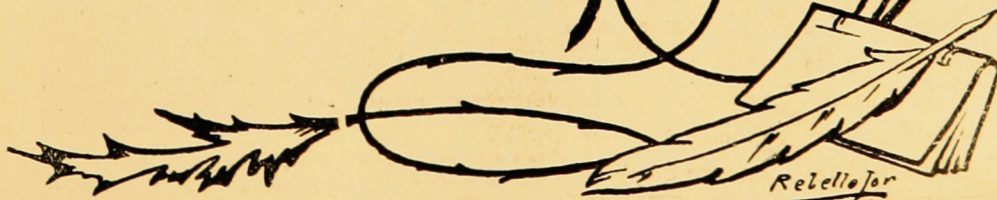
A Grecia tem que ceder, que importa, que aos seus interesses, ao seu futuro mesmo, só convenha manter-se neutral? Isso é muito pouco ou nada perante os interesses supremos dos alliados e das duas uma: ou os auxilia comprometendo-se ou se compromette fatalmente, tendo que defender-se dos seus ataques.

Liberdade, soberania, direitos, de nada valem ante o egoismo feroz do Bretão ameaçado.

É a consagração do principio terrivel — os grandes teem o direito d'esmagar os pequenos. É a philosophia brutal do heroe sinistro de *Dostoywshes* a condensar-se n'um principio. O que está acontecendo na Grecia acontecerá fatalmente na Roumania por onde os russos querem á viva força passar, para socorrerem os servios em perigo e o governo de Bucarest, terá afinal que intervir ao lado dos Russos, se consentir na sua passagem por Dobrudja, com os allemães e austriacos se quizer fazer valer os seus direitos.

Entretanto é curioso constatar que os violadores da neutralidade grega e Roumena são os alliados, os que tanto se indignaram com a violação da Belgica, a desventurada, a pobre nação vencida, que hoje acha muito natural o procedimento inglez.

A logica afinal, é uma *blague*, que coherentes só os inglezes abandonando hontem a Belgica, abandonando hoje a Servia ao furor dos seus inimigos.



E' preciso ajuda-los — grita a imprensa ingleza, enquanto o «Foreign Office» vae muito habilmente trespassando o encargo. As surpresas que os Balkans nos reservam ainda não principiaram e se nas suas planicies ou nas suas montanhas se vão livrar as batalhas decisivas, nas suas chancellarias rumoreja-se já a sentença final:

A Inglaterra dá força ao velho adagio; a

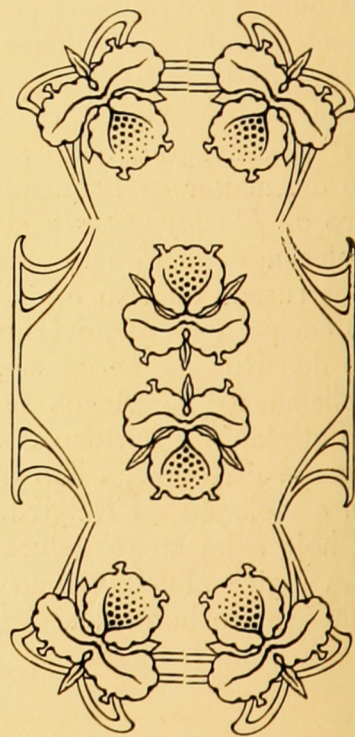
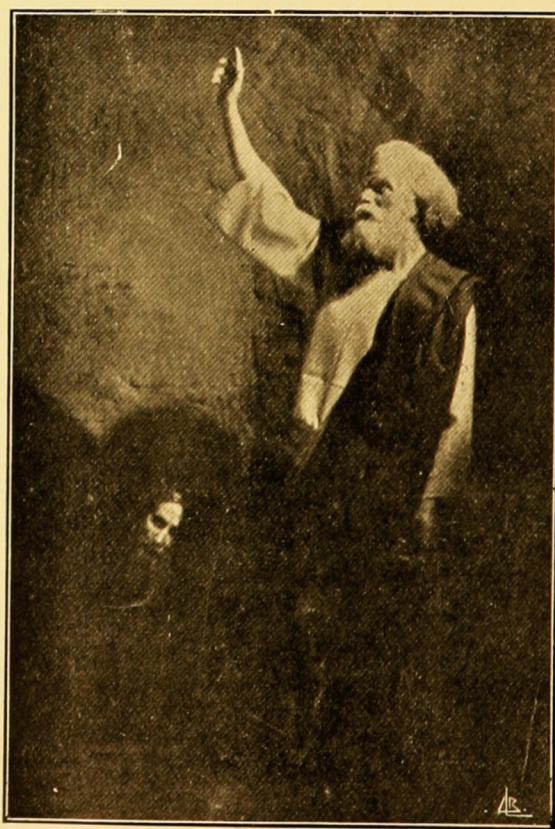
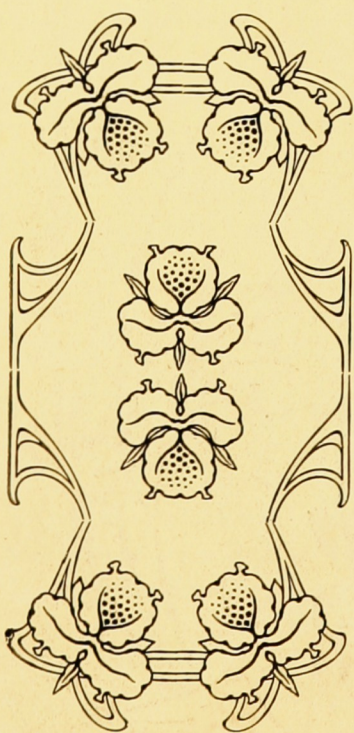
Roumania acoçada pelas pretensões dos Russos dá qualquer dia as mãos da Bulgaria... Então?

Então vamos ao fim.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



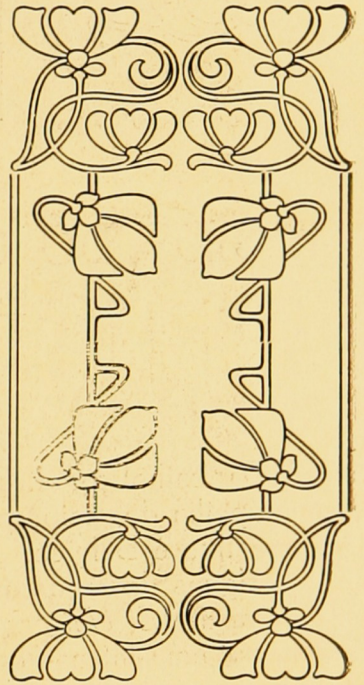
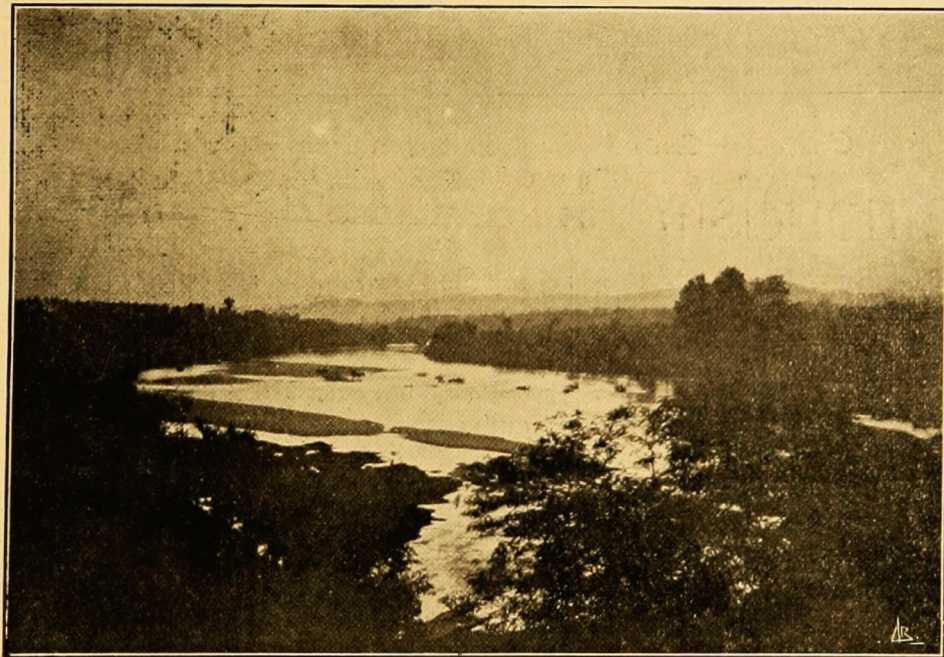
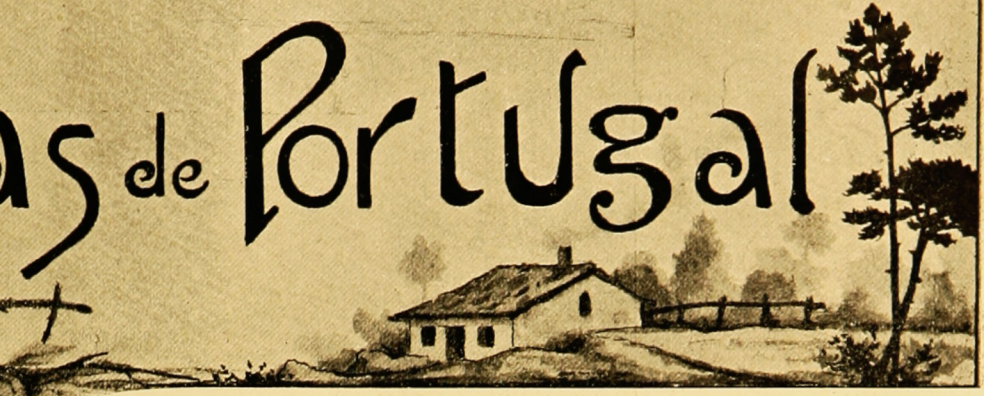
Roma—A missa nas catacumbas



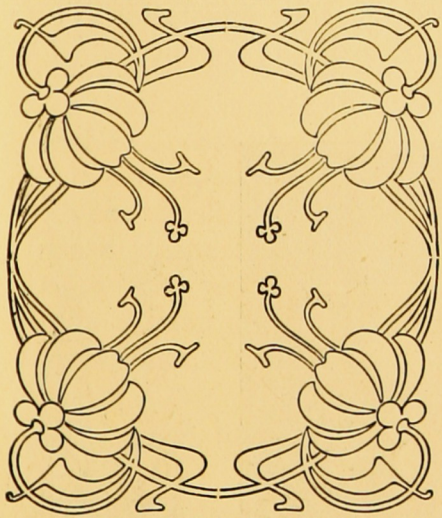
S. Pedro prégando

(Photos. do snr. Braz Lata de Carvalho)

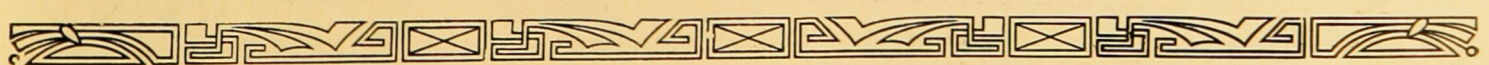
Bellezas de Portugal

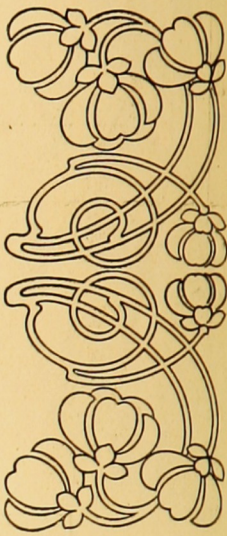
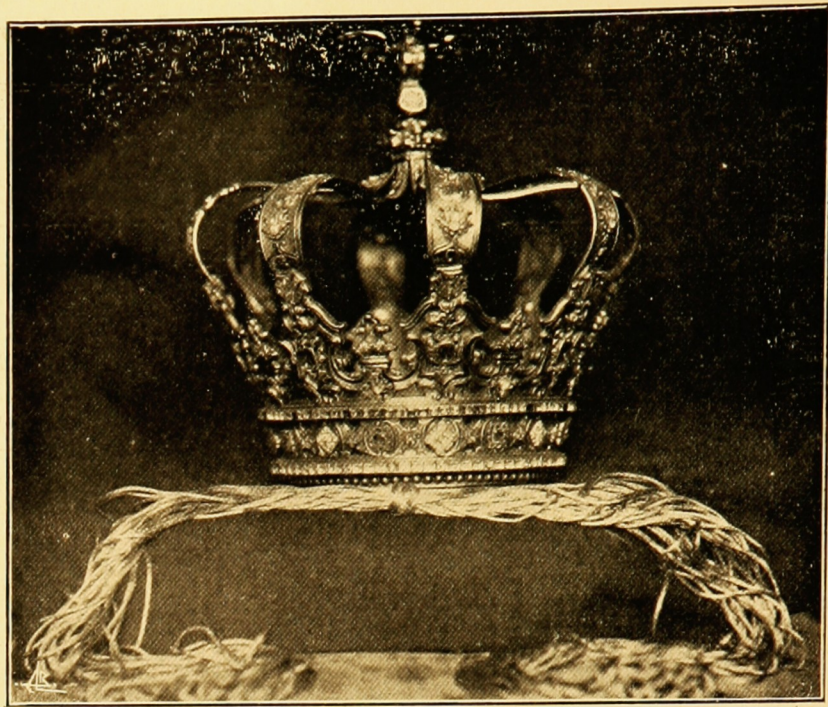
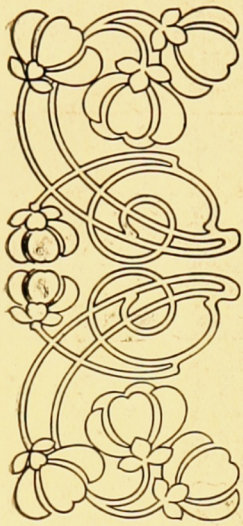


O rio Cavado na Ponte do Bico



Pelas margens do Cavado—Um moinho





Guimarães—Corôa de Nossa Senhora d'Oliveira

FASTOS DO CATHOLICISMO

A "Gazette de France,"

Um manifesto
de catholicos intellectuaes

Os catholicos hespanhoes, apesar da germanophilia da maior parte, não recusam a sua sympathia á Belgica.

Alguns dos seus orgãos na imprensa, particularmente *El Universo*, abriam as suas columnas a uma intensa campanha em pró da restauração e da liberdades belgas.

Um certo numero dos mais cultos enviaram, por occasião do anniversario do incendio de Lovaina, ao seu reitor, um manifesto de sympathia e de solidariedade intellectual.

O manifesto, que se promette entregar á publicidade, é assignado, por numerosas notabilidades catholicas entre os quaes o Marquez de Pidal, deputado.

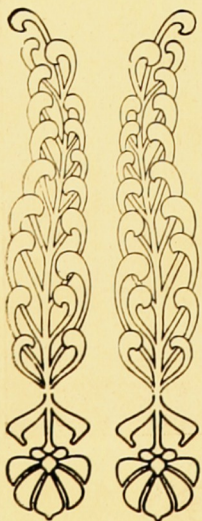
Suspendeu temporariamente a sua publicação, effeito de difficuldades provenientes da situação, a *Gazette de France*, decano dos jornaes francezes, a «avósinha» de além Pyreneus, cujas ideias tanto se assemelham ás da «avósinha» portugueza.

A *Gazette de France* é quasi tri-centenaria, contando 270 annos de publicação! 270 annos de publicação ao serviço da religião e do throno.

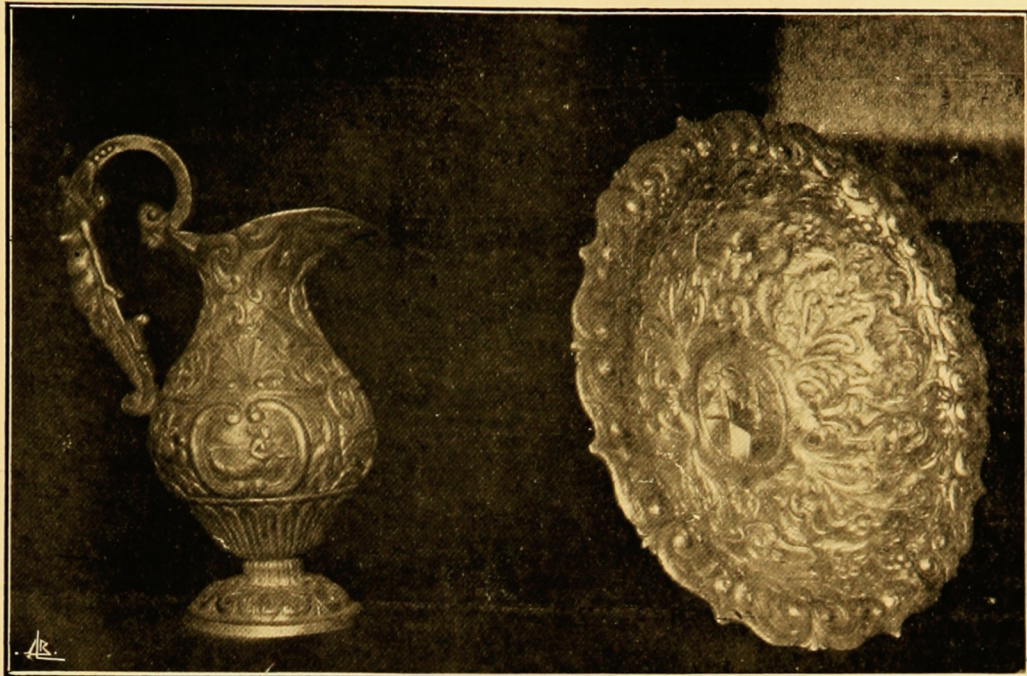
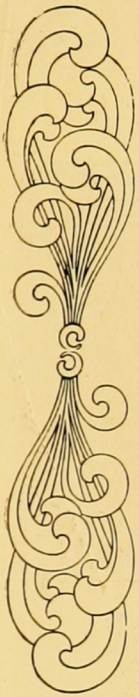
Confederação das direitas

Desde ha tempo que se envidam esforços tendentes á colligação n'um bloco dos nucleos politicos da direita hespanhola.—maurista, carlistas, integristas e centro de defeza social (catholicos independentes)— que assim defrontariam resolutamente a coalisção das esquerdas.

Um dos campeões mais enthusiaslas d'esta ideia, na imprensa, é o diario cahojico *El Debate*.



Banqueta de Nossa Senhora d'Oliveira



Guimarães—As lavandas de prata

Parece que um dos primeiros actos do bloco conservador seria disputar as eleições municipaes de Madrid.

Um novo bispo

Entre os novos prelados que na vizinhação, a pequenos intervallos vão subindo aos solios episcopaes, força é destacar o que acaba de ser preconizado bispo coadjutor de Malaga; D. Manuel González Garcia, mais conhecido até agora pelo nome de arcypréste de Huelva.

O novo Bispo cedo se affirmou um publicista religioso de merito. Pouco depois da sua ordenação, devotou-se á fundação de obras eucharisticas, merecendo entre os seus compatriotas o titulo de «apostolo eucharistico». Por toda a Hespanha, e ainda fóra do visinho país, vò a fama do religioso arcypréste.

Um novo Kulturkampf?

Segundo testemunhos insuspeitos, declarações feitas pelo professor de Theologia Dr. Rosenberg (o que respondeu ao livro de Mgr. Baudrillart), por Mgr.

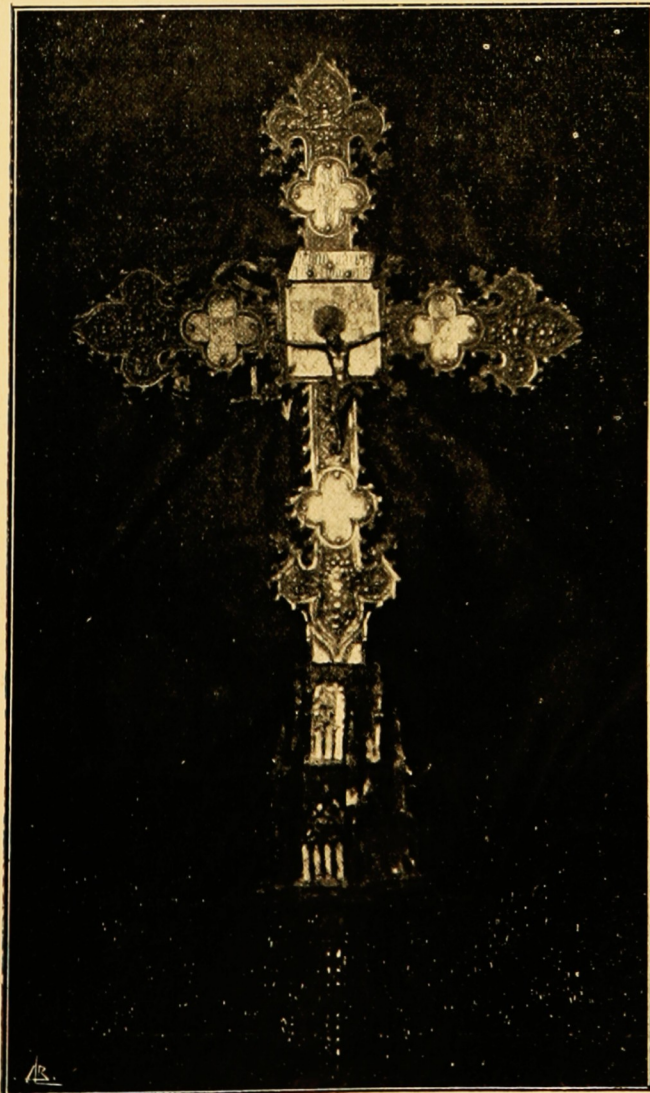
Piffel, arcebispo de Vienna, e Mgr. Keppler, bispo de Rottenburg, é de receiar a possibilidade de um novo *kulturkampf* (guerra da cultura) em Allemanha, finda a guerra.

As ameaças de outro *kulturkampf* transparecem de attitudes anteriores á guerra.

No seio da Igreja nacional evangelica vi-nham-se aggreindo violentamente duas facções: o protestantismo crente e o protestantismo liberal, que lucha pela separação da Igreja do Estado e pela neutralidade da escola.

E' certo que ao mesmo tempo que os interesses do catholicismo eram politicamente representados pelo Centro, os interesses da corrente orthodoxa da Igreja evangelica eram pelo partido conservador. Todavia, este reducto foi nos ultimos annos fortemente invadido pelo liberalismo ecclesiastico.

O Dr. Rosenburg não teme pelos resultados da lucha, caso ella se desemcadeie. O catholicismo allemão, diz, não carece de praparação nem de medidas especiaes para defender-se.



Riquissima cruz de prata da Collegiada de Guimarães

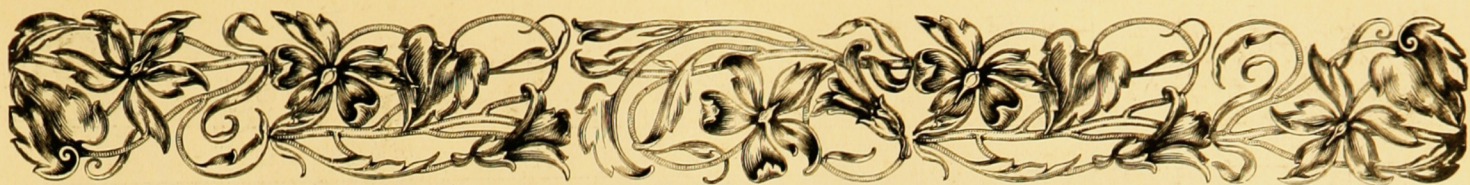


A Guerra Europeia



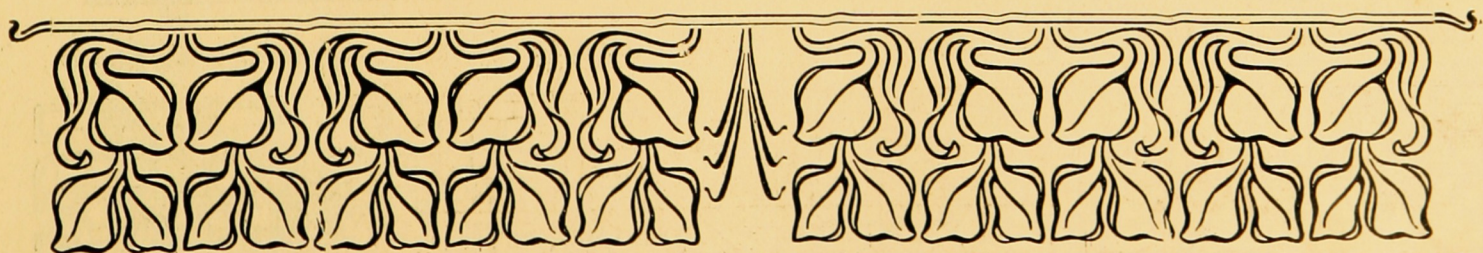
General Sir C. C. Mouro, commandante das forças expedicionarias do Mediterraneo

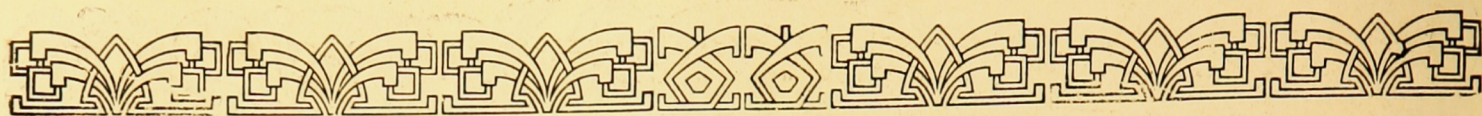




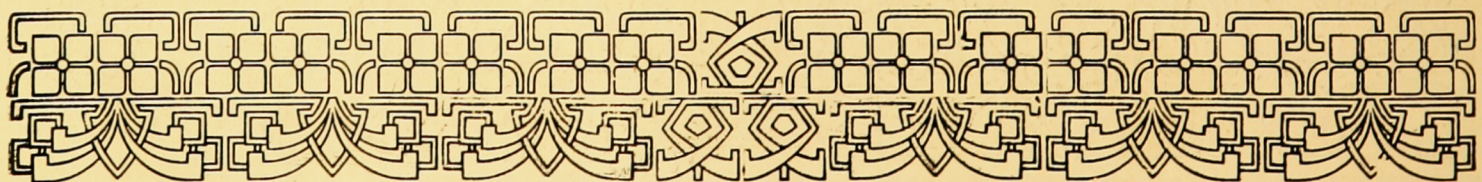
GENERAL JOFFRE EM LONDRES

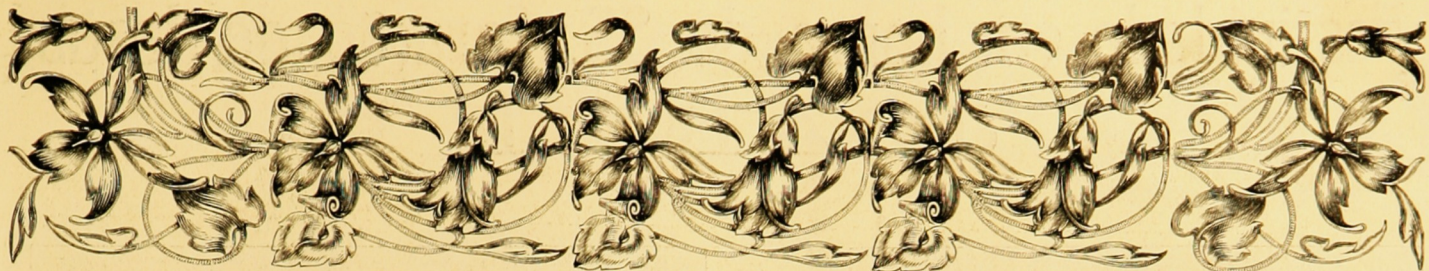
Ao lado está Lord Kitchner, vendo-se atraz d'estes, a multidão que acclama o general Joffre





Os feridos francezes recolhidos n'uma igreja que lhes serve de ambulancia. Na frente está um prisioneiro ferido allemão





Alarme n'um posto servio do caminho de ferro Nisch—Salonica



Festividade em honra do SS. Coração de Jesus

JOANNE



O Snr. Arcebispo Primaz, dirigindo-se para a igreja parochial acompanhado pelo povo



O cortejo chegando á igreja onde teve logar a festividade



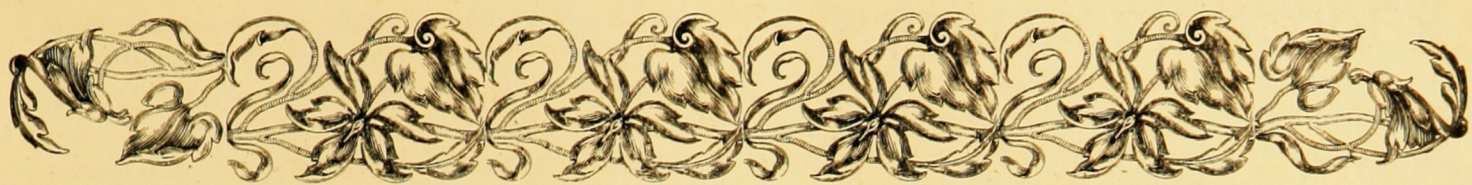
Grupo:

- 1.—Ex.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz de Braga.
- 2.—Ex.^{mo} Snr. Bispo do Porto.
- 3.—Ex.^{mo} Snr. Bispo Eleito de Bragança.
- 4.—Ex.^{mo} Snr. Conego Alberto de Vasconcellos.



Um grupo de convidados para a festividade





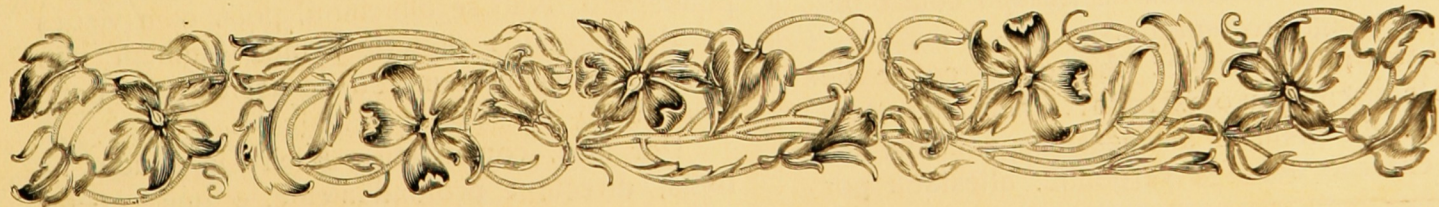
A comissão promotora da festividade
 Da esquerda para a direita (de pé)—Srs. Antonio d Cliveira;
 Francisco Ribeiro e Bernardino Ribeiro.
 (Sentados)—Snr. Antonio Luiz Lopes, estando
 no meio o zeloso parochio rev. José Ferreira da Rocha,
 tendo a seu lado o rev. cura padre Leonel da Silva Braga



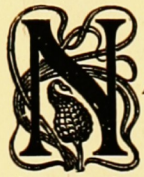
A igreja parochial



Um grupo de Joannenses residentes em Braga



Padre Antonio Vieira



NÃO se humilhou muito lord Kinnoul, dando explicações sobre um exaggero de Boscawen, claramente fóra das ordens do respectivo governo, mas Pombal fez, n'esse dia—29 de Março de 1760—uma especie de esquina para dois cartases—*genial energia d'um enorme estadista diante d'uma formidavel potencia e pregão indirecto a todos os estadistas da Europa sobre o character patriotico e até latino d'um primeiro ministro em Portugal.* Podia acrescentar: *Que sabe quanto a Inglaterra precisa dos portos de Portugal...* O peor é que Sebastião José, não assignando o *pacto de familia* de 1761 revelava demais porque é que lord Chatam não mandava fazer á nossa esquadra o que Boscawen tinha feito á do pobre La blue. Ha aqui uma sombra sequer do genio e honradez da diplomacia do Padre Antonio Vieira?

*

E, se alguma duvida pôde haver sobre a doblez de Sebastião José, só por honra da firma valorosa com a Inglaterra, tudo se acclara, vendo o Marquez optar emfim pela politica de Londres, o que nos chocou com a Hespanha, envolvendo-nos desastradamente na Guerra dos Sete-Annos.

O paiz pagava, pois, um pouquinho caro a famosa energia de Pombal.

Vieira conciliava tudo e todos, a Hollanda e a Inglaterra, apesar de inimigos, a França e até grande numero de hespanhoes, em defeza de Portugal contra a Hespanha: o Marquez, apertado pela gratidão a Londres, era tão mediano diplomata, que, incapaz de sustentar a nossa neutralidade, não sabia convencer a Hespanha de que o seu vistoso anglophobismo não passava d'uma comedia vulgar... a comedia que os nossos visinhos deviam consentir como intangivel superioridade.

Se a Hespanha nos exigia a alliança, tinham sido os bravetos de Sebastião José quem auctorisava a exigencia. A Hespanha illudia-se, como se illudira a França. O Marquez, embora tendo rugido como um leão diante do desacato de Lagos, com o que contava era com o apoio dos navios inglezes para todos os lances de conflicto com estranhos.

Mas ha mais. Vieira encontrava o reino desarmado, no que não tinha o grande Jesuita a menor culpa, e armava-o, com bons soccorros enviados de Hollanda, entre os mil retrahimentos que ainda imperavam na Europa com o pequeno Portugal restaurado.

O enorme Marquez chamou o conde de Lippe e disciplinou o exercito... mas tendo consentido, até virem as ameaças hespanholas, que esse exercito fosse a vergonha, attestada por

Barelli:—*A maior parte dos soldados andavam rotos e remendados. Em Lisboa muitos me pediram esmola, não só nas ruas, mas até nos postos em que estavam de sentinella!*

Quer dizer, se a Hespanha nos não declara a guerra, o immenso estadista, o abnegado patriota, permitiria que os nossos soldados, até os que faziam guardas, mendigassem os ceitis de quem passava!

Emfim, Pombal—que, pelo visto, só pensava em chacinar fidalgos e perseguir jesuitas—e dispondo do soccorro pecuniario e moral da Inglaterra, apresentou um exercito que, com algumas glorias, não deixou de se mostrar abatido ao ver occupadas as praças de Almeida e Chaves, não parecendo, por signal, nada o brilhante exercito que venceu em Montijo e Montes-Claros a poderosa Hespanha... E' que o Marquez só se lembrou do exercito, um punhado de mendigos, quando era impossivel só trucidar fidalgos e varrer jesuitas... E assim o Conde de Lippe, que não fazia milagres, mal teve tempo para ensinar aos soldados portuguezes... que defendiam o torrão sagrado da Patria... E, comtudo, os conflictos internacionaes ha muito ensinavam a Portugal que a sua situação geographica e o seu passado historico lhe impunham ter um exercito forte e praças de guerra, que resistissem melhor ás tropas hespanholas do que lhes resistiram Chaves e Almeida...

Por misericordia divina, valeu-nos então o cansaço dos principes belligerantes. Não deve Portugal ao Marquez o fim da guerra, solemneamente celebrado nos tratados de Fontainebleau, a 3 de Novembro de 1762 e a 10 de Fevereiro de 1763.

Nenhuma grande victoria nossa impoz a suspensão das hostilidades da Hespanha que, afinal, nos atacou como que por desfastio.

Ora a paz com a nossa vizinha na guerra da Restauração teve motivos gloriosissimos para as nossas armas, e esses exitos devem-se principalmente á energia, abnegação e genio d'um ominoso Jesuita—o Padre Antonio Vieira. Comparem sempre, imparcial e friamente.

*

Mas Vieira depressa voltou a Roma. D. João IV confiava d'elle, com justiça, e criterio, tudo quanto se referisse aos grandes interesses nacionaes. Offereciam-se muitos dos principaes homens de Napoles para, emancipando-se da Hespanha, entregarem o reino napolitano á Coroa de Portugal.

D. João IV, deveras amante da prosperidade do seu povo, era, por indole, prudente e ponderado. Não se allucinou, pois, com visões de desmarcados poderios, mas também não quiz ter o menor remorso de desleixo ou com modismo.

Por isso, commetteu a Vieira ir estudar na Italia, directa e profundamente, o que—pelas

apparencias — podia impor-se como vantagem e gloria nacional, o dominio do reino de Napoles.

Antonio Vieira foi, e viu nitidamente o que cumpria — não acceitou um presente que os tempos se encarregaram de demonstrar quanto seria espinhoso nas mãos d'um poder central deslocado da Italia.

Agradeceu e respeitou o monarcha a comunicação positiva e patriotica, e os homens publicos confirmaram claramente a profundeza e solidez da opinião jesuita, opinião justificada com vigor por futuros acontecimentos, tanto como por uma justa noção das circumstancias.

Mas Vieira, tratando assim admiravelmente dos interesses da Patria, não esquecia nunca os de Deus. Inflammado, como um outro Bos suet, no zelo de chamar á Egreja todos os seus dissidentes, redigiu, e apresentou então ao Papa Innocencio X um memorial, amplo e claro, sobre os factores Moraes que embaraçavam a conversão dos protestantes do Norte, sonho honesto e grande da sua boa alma.

E, expondo com eloquencia e dialectica de primeira grandeza, causas e alvitres, origens morbidas e caminhos novos de conciliação, o seu espirito activo abalançava-se ardentemente a uma radiosa obra pratica, quando — era isto em 1650 — foi de subito chamado a Lisboa.

Superfluo é rirmos mais uma vez do maravilhoso Sebastião José, estadista formidavel que, em materia de conciliações, apenas sabia esquartejar os Tavoras e lembrar Nero na queima atroz do velho e adoravel Padre Malagrida.

Vieira, cercado de inimigos, esmagava-os emfim sem pensar n'isso.

E' que o ambicioso torpeça sempre, tarde ou cedo, na ambição que, como todas as más paixões, o allucina, inspirando-lhe, com pungentes invejas e tristes hypocrisias, todos os disparates e perturbações.

Não assim o homem sinceramente abnegado, valioso, muito ou pouco, ninguem lhe faz sombra porque não pensa em supplantar ninguem, e todo o seu jubilo é ver triumphar, sem a preocupação doentia dos interesses humanos, os ideaes que lhe merecem deveras a sua abnegação.

Vieira era d'estes raros e verdadeiramente grandes homens. Não corria a flagellar os pequenos diplomatas que o mordiam nas trevas: deixava-os com suas insomnias e invejas, e, anonymando-se o mais que podia, devotava á Patria e a Deus o melhor da sua alma. Profli-gavam-no pessimos oradores e escriptores, inchados de gongorismo e de pompa bibliophila, e elle, que era um erudito e um grande theologo, nem lhes negava os deslumbramentos estylisticos nem se preocupava com o assombro do ingenuo vulgo diante do saber encyclopedico dos seus depressores, alguns dos quaes sinceramente admirava, e até citava como auctoridades.

Mas eram os factos que lhe davam a supremacia no meio portuguez e até peninsular. E seu nome, por mais que elle se pequenisasse, tinha fama europeia. Porisso, a côrte de Lisboa, coalhada de ciosos e de pedantes, desarmou como que de golpe, ao ve-lo chegar, victorioso, mas modesto, com tão honrada alegria no semblante, que ninguem n'elle avistava o menor vinco de vaidade ou soberba.

E tão desartificiosa era a modestia de Vieira que, ao notar-se tão alçapremado, sentiu como que vertigens, e no meio de tantas homenagens e glorias, começou a nutrir logo um anhelosistente e firme: fugir da Côrte, evitar a grandeza, a fama, a gloria.

Ah! que admiravel e incomparavel espirito! O valimento primacial junto de D. João IV, da rainha D. Luiza de Gusmão, do gentil e talentoso principe D. Theodosio, junto de Prelados, Nobres e Povo, só lhe inspirava uma profunda saudade: a das missões nas terras sertanejas do Brazil; sem retumbancia nos echos da velha Europa.

Todo o mundo o celebrava, e Vieira suspirava só pelos pobres indios, a scismar nas espinhosas catecheses, vedeando pantanos, trepando a chapodões agrestes, ouvindo as arapongas agora, e logo escutando os rugidos do jaguar; queimado pelo sol, ameaçado pelos botocudos selvagens, lidando entre catadupas solitarias e ribeirões, povoados de jacarés; affrontando as superstições dos indigenas e as hostilidades d'uma natureza esplendida, mas excessiva em tudo, em condores que dilaceram vitellas, em piranhas que matam pescadores, em serpentes que fulminam de morte os viajantes!

Pombal, ha muito, teria passado sobre todos para ser o primeiro ministro, impondo a sua cabelleira e a sua luneta, a ver se o confundiam com Colbert, Sully e Richelieu, pelo menos.

E se alguém se lhe deparasse menos respeitoso, a sua intriga não seria pobre de memoria, Mais tarde, o patibulo e a cilada aniquilariam, sangrenta e miseravelmente, o temerario.

Comparem e pasmem os ingenuos, que julgam os jesuitas homens de incorrigivel egoismo, e tambem os pobres, quâsi comicos, liberações que encadernaram a figura sanguinaria do Marquez de Pombal em esterioridades de genio, patriotismo e honradez peregrina, fazendo d'elle um lábaro, um programma, a alma d'uma civilisação.

Eu disse: os liberalões... Mais curioso, porém, é que alguns absolutistas o exaltam, de olhos em alvo, com rigido entusiasmo.

Mas não admira o desacerto... em terra de tantos desacertos.

Nem todos distinguem o verdadeiro absolutismo do que ha de peor na politica humana, do atroz despotismo. São irmãos gemeos dos que confundem a boa liberdade com a licença abominavel.

JOSÉ AGOSTINHO.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Camillo Desmoulins

S

ABENDO da prisão de Danton, Camillo disse:

— Quero partilhar a sorte de Danton.

É o que disse, fê-lo. Dizia desolado:

— Tinha phantasiado uma republica que toda a gente adorasse!

Quando deu entrada na Conciergerie disse aos presos:

— Vou subir ao patibulo por ter lamentado os infelizes; o meu unico pezar n'este momento é não ter podido servi-los.

Ao tribunal revolucionario disse:

— Eu tenho a idade do republicano Jesus quando morreu, trinta e tres annos.

Relembrou os seus heroicos serviços desde o dia que dera o signal para o grande levantamento popular de que resultou a tomada da Bastilha, e concluiu:

— Abri a Revolução, a morte vae encerra-la.

Escreveu a sua defeza, mas como não quizessem ouvi-la, amarrotou o papel e atirou-o á cara dos juizes.

No cadafalso, olhando um anel de cabello de Lucilia, sua mulher:

— Digna recompensa do primeiro apostolo da Liberdade!

Nelson

Em 21 de outubro de 1805 encontraram-se á vista de Trafalgar as armadas ingleza e franceza.

Nelson de pé na coberta do «Victory» disse aos seus marinheiros:

— A Inglaterra espera que todos cumprirão o seu dever.

A Inglaterra venceu a batalha, mas perdeu n'esse mesmo dia o mais illustre dos seus marinheiros.

Hoche

Hoche tinha vinte e cinco annos. Carnot não hesitou em confiar-lhe um exercito. Hoche adivinhara instinctivamente o systema de concentração, a guerra de massas, que aturadas meditações haviam revelado a Carnot.

Altivo, impetuoso, generoso, á vivacidade das impressões alliava a profundeza do pensamento. Resumiu tudo em duas palavras:

A reflexão deve preparar, o raio deve executar.

O bispo Grégoire

Corria o anno de 1793.

Na Convenção o ex-bispo Lindet pediu que as festas religiosas fossem substituidas por festas civicas. Ao tempo entrava na sala outro prelado deputado, Grégoire, bispo de Blois. Instavam com elle para que imitasse os seus collegas. Grégoire era jansenista e tão crente na verdade do christianismo como hostile á infalibilidade do Papa.

Respondeu:

— Fallam-me em sacrificios á patria? Estou habituado a elles. Trata-se de dedicação á causa da liberdade? As minhas provas estão dadas de ha muito. Trata-se dos rendimentos inherentes ás funcções de bispo? Renuncio a ellas de bom grado. Trata-se de religião? Isso está fóra do vosso dominio. Atormentaram-me para acceitar o fardo do episcopado n'um tempo em que elle é cheio de espinhos; atormentaram-me agora para me forçarem a uma abdicção que ninguem me arrancará! Tratei sempre de fazer o bem possivel na minha diocese; e ficarei sendo bispo para o continuar a fazer. Invoco a liberdade de cullos.

— Não se quer forçar ninguem!

Exclamaram em torno. E respeitou-se a sua resistencia.